



**UEMS – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE ARTES CÊNICAS E DANÇA – LICENCIATURA**

**Trabalho de Conclusão de Curso**

***TEATRAL GRUPO DE RISCO: POÉTICA E COMPOSIÇÃO ARTÍSTICA NA  
CULTURA LOCAL DE MATO GROSSO DO SUL***

**CAMPO GRANDE - MS  
NOVEMBRO/2017**

**NATHÁLIA TOMASSINI DOS SANTOS BORIOLI**

***TEATRAL GRUPO DE RISCO: POÉTICA E COMPOSIÇÃO ARTÍSTICA NA  
CULTURA LOCAL DE MATO GROSSO DO SUL***

Trabalho de Conclusão de Curso, orientado pelo Professor Doutor Marcos Antônio Bessa-Oliveira, apresentado como requisito parcial para conclusão do curso de Artes Cênicas e Dança – Licenciatura da UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

**CAMPO GRANDE - MS  
NOVEMBRO/201**

## **TEATRAL GRUPO DE RISCO: POÉTICA E COMPOSIÇÃO ARTÍSTICA NA CULTURA LOCAL DE MATO GROSSO DO SUL**

Nathalia Tomassini dos Santos Borioli - UEMS/NAV(r)E<sup>1</sup>

Marcos Antônio Bessa-Oliveira - UEMS/NAV(r)E<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo a análise dos métodos de pesquisa e criação da poético-artística, trabalho e montagem do Coletivo Teatral Grupo de Risco (TGR), bem como identificar os processos de construção da sua linguagem poética, a fim de levantar uma reflexão teórico-crítica sobre o modo de produção cultural e intelectual desse Grupo. Tendo como foco o espetáculo denominado *Guardiões* (2010), sendo o último de uma trilogia, que traz em sua estrutura uma vasta pesquisa sobre histórias da cultura local do Mato Grosso do Sul. Esta investigação está sustentada por meio de entrevistas, questionários, consulta de documentos e análises dos conteúdos levantados, portanto uma pesquisa exploratória e de levantamento de dados, tendo como base teórica autores como Marcos Antônio Bessa-Oliveira e Edgar César Nolasco dentre outros que estão (re)verificando<sup>3</sup> a cultura local de Mato Grosso do Sul por um prisma crítico-cultural que é o mesmo sobre o qual nossa pesquisa quer situar a atuação do TGR na cultura.

**Palavras-chave:** Teatral Grupo de Risco, poética, identidade cultural, Mato Grosso do Sul.

### **INTRODUÇÃO**

Por vias desta pesquisa apresentamos uma investigação acerca do Teatral Grupo de Risco (TGR) – Grupo de teatro que tem trabalhado por vieses bem distintos e que tem feito consideráveis trabalhos na cena artístico-teatral de Mato Grosso do Sul. Criado em 1988 é um dos grupos teatrais mais antigos de Campo Grande, completou 29 anos no mês de agosto deste ano (2017).

O Grupo apresenta-se como um jovem senhor que acaba de assumir maior idade, engajado em temas culturais e sociais que estão envoltos ao contexto urbano da cidade, mas também a contexto-temáticos maiores que envolvem à cultura nacional brasileira.

Esta investigação é fruto de uma pesquisa exploratória e de levantamento de dados, considerando que boa parte da coleta de dados e informações requeridas para este trabalho são obtidas por meio da interrogação direta aos membros integrantes do Grupo; utilizamos deste método de pesquisa tendo em vista uma

---

<sup>1</sup>Graduanda de Licenciatura Plena em Artes Cênicas e Dança pela UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

<sup>2</sup>Doutor em Artes Visuais pelo IA/Unicamp. Professor DE/TI na Cadeira de Artes Visuais no Curso de Artes Cênicas e Professor Permanente do PROFEDUC na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UUCG.

<sup>3</sup> (re)verificar no âmbito deste artigo tem sentido de rediscussão dos aparatos da cultura hoje postos em Mato Grosso do Sul, sempre tratados de uma perspectiva clássica, moderna ou pós-moderna pela teoria e pela crítica de arte locais, a partir de uma proposição epistêmica cultural, subalterna e/ou pós-colonial.

questão quase óbvia quando estamos empenhados a investigar as produções artísticas não situadas em contextos dentro dos grandes centros produtores de arte, cultura e conhecimentos: a escassez de documentos e material bibliográfico sobre o TGR, nosso objeto, mas das artes de modo geral.

O trabalho busca também um entendimento mais amplo do que ocorre e o motivo da escassez de materiais, artigos, críticas, enfim, documentos de modo geral, que contém sobre a cultura e história local. No início da pesquisa nos perguntamos por que tamanha dificuldade em saber das produções artísticas do local; por que não há documentos que discorram sobre as produções artísticas locais? E aqui utilizamos das palavras de Nolasco para explicitar que as produções fora do eixo (teóricas, críticas e mesmo artísticas) estão muito ocupadas repetindo discursos, reafirmando o que já está posto. Talvez com a falsa ilusão e esperança de se tornarem ou fazer parte do eixo da produção artística nacional, enquanto isso os artistas locais se esquecem de olhar para o próprio chão onde pisam:

Grosso modo, podemos dizer que as universidades descentralizadas desse país colossal estão facultadas a repetir endossando a lição crítica que os grandes centros geram de forma homogênea; logo, pensando nas diferenças, ou melhor, nas especificidades, lição acrílica por excelência. Nesse caso, a crítica pensada fora do eixo às vezes não faz outra coisa senão reforçar sua invisibilidade, sobretudo quando toma a lição crítica pensada no contexto dos centros avançados do país como único meio para se compreender as representações culturais das margens (NOLASCO, 2011, p.28).

Apesar da escassez de documentos e considerando que as universidades locais deveriam suprir esta questão, ao invés disso continuam repetindo mais do mesmo, continuamos sem trabalhos significativos sobre quase todas as produções artísticas locais em Mato Grosso do Sul e o que têm está precisando ser (re)verificado. No entanto o Grupo possui registros próprios das pesquisas feitas para suas montagens, diários dos processos de montagem dos espetáculos, portanto, o que contribui de forma maciça para alavancar as investigações pretendidas que escapem até mesmo para uma teoria cultural.

Assim, pretendemos descrever e analisar os processos de pesquisas do Grupo, trazendo como foco o último espetáculo apresentado denominado *Guardiões* (2010), sendo o último de uma trilogia que traz em seu âmago uma vasta pesquisa sobre as histórias da cultura local de Mato Grosso do Sul. Uma pesquisa que trata

tanto de contexto histórico que abrange Mato Grosso (antes de 1977), bem como a situação atual do império do agronegócio de/em Mato Grosso do Sul.

O conceito de cultura local, termo tratado e discutido neste artigo, trata-se de uma reflexão conceitual que tem uma abordagem epistemológica outra e que busca detectar nas produções culturais de um determinado local traços particulares/peculiares, mas em hipótese alguma se trata meramente de uma visada regional/regionalista que busca se autoafirmar artística e culturalmente em detrimento de outras localidades. A ideia do conceito paira especialmente na noção pós-ocidental de que todos os lugares produzem arte, cultura e conhecimentos diferentes.

Interessa-nos compreender, basicamente, como os traços da cultura local se inscrevem e podem ser detectados nessas produções culturais específicas de um local, proporcionando, por conseguinte, que as mesmas sejam lidas na diferença dentro de um contexto cultural maior (NOLASCO, 2011, p. 112).

A cargo de esclarecimentos, não pretendemos aqui simples e meramente exaltar o Grupo, dar este como exemplo de como um grupo teatral deve ou não ser/fazer em sua prática artística, muito menos fazer comparações com outros grupos. Comparações que estejam no plano de investigações qualitativas simples e puramente não nos levariam ao que buscamos.

Ao escolher este Coletivo como objeto de investigação na pesquisa, não significa que não consideramos que outros grupos de teatro de Campo Grande e mesmo espalhados pelo Estado não estejam tanto quanto engajados em temas sociais e culturais.<sup>4</sup> Nesse sentido, a predileção pelo TGR passa pela afinidade pessoal e por identificação com o projeto artístico-intelectual do Grupo.

O interesse em realizar esta pesquisa deu-se pela empatia e admiração cultivada pelo Grupo já há vários anos, por notar previamente sua diferença em relação aos outros grupos de teatro da cidade com os quais tive contato. Mas somos obrigados a explicitar a ideia de que o Grupo é entendido por muitos como um dos

---

<sup>4</sup> Não seria novidade encontrarmos na própria cidade de Campo Grande, mesmo em Mato Grosso do Sul como um todo, ou ainda no território Brasileiro – se expandíssemos nossa pesquisa – outros grupos de teatro, dança, coletivos artísticos de qualquer linguagem, que não estejam tendo que se engajarem político-culturalmente para conseguirem ao menos permissão para se expor. A atual situação caótica no campo da cultura no Brasil não é segredo para ninguém. Diariamente vemos nas emissoras de televisão – brasileiras e estrangeiras – matérias apresentando os descasos dos Poderes Públicos (Municipais, Estaduais e Federal) até mesmo nos velhos e reconhecidos centros produtores de arte, cultura e conhecimentos. E não nos venham dizer os partidários, que as migalhas distribuídas pelo Estado são apoio à produção cultural.

coletivos conhecido como um “grupo mãe”: acolhe, ensina e ajuda a outros grupos em seu espaço. Os integrantes do TGR são políticos e culturalmente preocupados com questões sociais.

Muito além do desenvolvimento de pesquisas sobre nossa formação histórica, de linguagem, de busca por novas dramaturgias e de reflexões sobre o trabalho do ator, o TGR sempre ressaltou em seus trabalhos a preocupação com outras esferas da sociedade, além das artísticas. Esta preocupação e consciência de que a arte é instrumento de inclusão e de cidadania o levou a executar mais de 10 projetos culturais e sociais sobre meio ambiente, prevenção e saúde, para populações de baixa renda, assentamentos rurais, mulheres em situação de violência. (TEATRAL GRUPO DE RISCO, 2016, s/p)<sup>5</sup>.

Em contrapartida, o que vi antes em outros grupos pelos quais passei e tive um contato próximo como tenho com o Teatral Grupo de Risco, é uma preocupação com a mera reprodução de obras famosas e cânones, ou como disse Bessa-Oliveira “vendem a imagem que o Estado-Nação vende para os olhos dos de fora” (2011, p.42), obviamente visando maior prestígio e lucro financeiro, além da situação no espaço geográfico sul-mato-grossense como produção artística regional.<sup>6</sup>

TGR – Teatral Grupo de Risco –, seu nome já carrega o teor do foco maior do nosso trabalho! É um Grupo que explora o risco desde o nascedouro, desde o nome. Seus projetos artísticos são intrínsecos às questões de risco das diversas esferas sócias locais, mas também nacionais. A arte (política) do Teatral está implícita no processo, a arte para este Grupo é instrumento político-social também.

### **1-TGR – Político sem ser politiquero**

Conhecendo um pouco dessa história e trabalhos do Grupo identifiquei a necessidade de registrar sua trajetória enquanto produtor e fomentador de arte e cultura locais. Haja vista não termos esses registros para a posteridade em outras mãos que não as do Grupo. Acredito que este trabalho investigativo já possa contribuir como um registro histórico e documental de uma minúscula parcela da

---

<sup>5</sup> Fragmento retirado do blog do Coletivo. Informações de acesso encontram-se na lista de referências.

<sup>6</sup> As discussões sobre produções artísticas regionalistas, regionais, nacionais datam de meados do século XIX, momento em que os lugares queriam se autofirmar artístico-culturalmente, uns em relação aos outros, ressaltando através das produções artísticas particularidades que estivessem situadas exclusivamente em determinadas regiões brasileiras, por exemplo: a mineiridade, o carioquês, o pernambucanês, a gauchesca, entre muitas outras em se tratando de Brasil. Portanto, ao falarmos de regional puro lembremos que estamos em pleno século XXI ainda retrocedendo às convenções de pelo menos dois séculos atrás.

cultura local através do estudo da poética e ação sociocultural do TGR. Compreendo isso tendo em vista que toda e qualquer pesquisa, mesmo histórica, não abrange a totalidade do objeto que se quer investigado. (ZAMBONI, 2012).

Quando falamos da linguagem poética, referimo-nos ao modo e trabalho e a relação que o TGR tem com o meio que o circunda. Dentro do seu trabalho, o Grupo sublima causas locais, sócias e políticas em arte poética. Este entendimento obrigou-me a compreender e apreender que o que buscam olhar e desenvolver em seus trabalhos são as questões e inquietações latentes próprias e de “seu povo”: poderia assim dizer que este seja um olhar interno e não externo às questões do mundo que estão em volta daqueles membros.

Por conseguinte, não se trata de uma olhadela pela cidade com a mesma “pegada” do *boémio*, *olhares dandyano e flâneuriano*, do teórico da arte francesa moderno do século XIX Charles Baudelaire. O Grupo TGR tem um trabalho de pesquisa e é por meio deste que monta suas próprias peças e produções, trazendo no centro de suas produções questões e inquietações das minorias sociais. Como disse uma das integrantes do grupo, interessa-lhes olhar e falar sobre aquilo ou das coisas para as quais os outros preferem fechar os olhos, que lhes interessam as minorias.

O Grupo foi criado por Lu Bigattão, Leandro Melo, Sérgio Carvalho e Murilo Flores que eram os jovens que faziam teatro independente e que se juntaram para fundar este Grupo, que carrega o nome de Teatral Grupo de Risco, pois seus fundadores consideravam que era um risco fazer teatro naquela época (1988, três anos após o término da ditadura militar), uma integrante do Grupo considerou que fazer teatro ainda continua sendo um risco.

Atualmente o Teatral é formado por 6 integrantes que compõem o núcleo artístico (que escrevem editais, atuam, dirigem, produzem, etc.) que são André Tristão, Ewerton Goulart, Léo de Castro, Fernanda Kunzler, Yago Garcia e Roma Roman; Marcia Gomes é responsável pela cenografia e foi a criadora de todos os cenários das produções do Grupo até então. Romilda Pizani e Tereza Pires são sucessivamente educadora social e assistente social, que trabalham com/nos projetos sociais do Grupo, são colaboradoras, utilizam e colaboram na manutenção do espaço.

Com 29 anos de trabalho, atuação e atividades ininterruptas, pouco ou quase nada tem patenteadado sobre sua história enquanto grupo teatral, sobre suas pesquisas, seus trabalhos e sua atuação social cultural e política no Estado. O TGR já produziu mais de 30 espetáculos teatrais, além de documentários e programas de televisão e, sobretudo, pautando suas produções sempre nas questões mais profundas sobre a identidade cultural sul-mato-grossense. Sendo um Grupo comprometido e consolidado com questões importantes da sociedade, tornou-se um centro de referência tanto no desenvolvimento de pesquisas de linguagens estéticas do corpo e da cena quanto na execução de projetos culturais e trabalhos sociais envolvendo a arte do palco:

[O] Teatral sempre ressaltou em seus trabalhos a sua preocupação com outras esferas da sociedade, além das artísticas. Esta preocupação e consciência de que a arte é instrumento de inclusão e de cidadania o levou a executar mais de 10 projetos culturais e sociais sobre meio ambiente, prevenção e saúde, para populações de baixa renda, assentamentos rurais, mulheres em situação de violência. Alguns deles são reconhecidos nacionalmente como projetos modelos, tais como o Prevenindo com Arte e Mulheres em cena, financiados pela Unesco e Ministério da Saúde. (TEATRAL DE RISCO, 2017, s/p)<sup>7</sup>.

Por meio desta pesquisa acreditamos também conseguir contextualizar sua importância social enquanto Grupo e membros produtores de arte e cultura locais, já que trazem ao público questões sociais que para uns são desconhecidas, para outros esquecidas e até mesmo são ignoradas por aqueles que deviam dá-las maior importância. Como complementação do que temos dito, outro fragmento retirado do *Blog* do Grupo Teatral Grupo de Risco ilustra a discussão acerca de seus compromissos socioculturais:

[...] fomentando um trabalho profissional de artistas movidos por interesses e objetivos de criação comuns e pautado sobretudo nas questões mais profundas sobre a identidade cultural sul-mato-grossense. O compromisso já consolidado com questões importantes da sociedade, transformou o grupo em um centro de referência tanto no desenvolvimento de pesquisas de linguagens estéticas quanto na execução de projetos culturais e trabalhos sociais envolvendo a arte. (TEATRAL GRUPO DE RISCO, 2016, s/p)

O Grupo, como quase a maioria dos artistas em contextos financeiros extremos, se mantém por meio de editais, festivais, oficinas, trabalhos por contrato,

---

<sup>7</sup> Fragmento retirado do Facebook do Coletivo, utilizado como site oficial e atualizado. Informações de acesso encontram-se na lista de referências.

com o chapéu que é passado em algumas apresentações, pratica habitual também de artistas em outros lugares do mundo, e auxílios por meio de colaboradores, sendo esses últimos muitas vezes outros grupos e artistas que utilizam o espaço e que contribuem da forma que podem para a manutenção do Teatral. A distribuição dos recursos é feita de forma igualitária aos membros do TGR e a sede do Grupo recebe como sendo um dos membros. Fato que, aliás, acaba por proporcionar a sobrevivência das instalações do Grupo como própria.

Os processos criativos do Grupo se dão a partir de pesquisas realizadas, para o desdobramento de um assunto com o qual o grupo vai trabalhar, fazem primeiramente uma pesquisa teórica de levantamento de dados. A partir da pesquisa realizada é que começam os exercícios cênicos, de improviso, trabalho de corpo, trabalho do ator, desenvolvimento de personagem, são vários exercícios, dessa forma cada integrante colabora com a experiência que tem mais afinidade.

Elaboram um cronograma de ensaio e o que precisa ser desenvolvido, então a cada ensaio um integrante fica responsável por conduzir os exercícios. Os processos são colaborativos e buscam o máximo de um processo não hierárquico, não há a figura de uma direção que diz como tem que fazer, como é para fazer, para que possa ser orgânico e colaborativo, considerando as vivências e experiências de cada integrante do grupo.

Não há uma estrutura hierárquica dentro do Grupo, a posição de diretor, tanto do Grupo como das montagens, não é aquela que está acima dos atores, como suposto detentor do saber ou aquele que tem sempre a “última palavra”; mas logicamente que quando se trata de documentações estatais há o nome de um dos integrantes, por exigência desses órgãos burocratas, que representa a figura da direção.

Como então o Grupo se relaciona com o Estado-Nação enquanto patrocinador por meio de editais das atividades culturais do MS? Esta pergunta foi respondida pelo Grupo de forma bastante clara e segura. Primeiramente, o sentido da existência do Grupo está em sua poética, que na forma mais simples do dizer, consiste em olhar para as minorias.

E esta poética, o compromisso do Grupo com o seu fazer artístico, não está para negociações, não está para passar a imagem que o Estado quer: no sentido de

vender um Mato Grosso do Sul com belezas e atrações turísticas pura e simplesmente. A verba destinada para a cultura, que na maioria das vezes é distribuída por meio dos editais, é de direito da população e dos artistas que pagam seus impostos. A verba destinada à cultura não é nenhuma caridade. Menos ainda o deveria ser uma das menores partes das verbas arrecadadas com nossos impostos pelo poder público.

Pensando desta forma aqui situada, o Grupo não se sente na obrigação de vender uma arte e uma imagem idealizada pelos discursos que só fazem edificar fronteiras entre sujeitos, espaços, direitos e obrigações. Torna-se de grande importância tratar da questão, de como o Coletivo Teatral Grupo de Risco se relaciona com os interesses do Estado, pois este último, obviamente, tem por interesses políticos maquiagem e vender as produções culturais como meros (re)produtores artísticos para fins turísticos. Para elucidar esta questão, faço referência às palavras de Bessa-Oliveira (2011):

Como dito antes, o Estado faz uso das produções culturais sempre com uma intenção político-econômica de autopromoção do próprio Estado, atração para o mercado turístico e formatação da identidade cultural que se quer vendida. É, mais uma vez, a relação com um sentido valorativo, produção/local X produção/universal, na qual só é reconhecida como arte, e até como artesanato de qualidade, aquela produção cultural que dialoga diretamente com as produções canonizadas dos grandes centros ou aquelas que se inscrevem nas imagens paradisíacas estatais (BESSA-OLIVEIRA, 2011, p. 33).

Há uma barreira edificada pelos discursos hegemônicos locais (da arte, da cultura, da produção de conhecimento, político, econômico e cultural, mas também crítico e teórico) que edifica muros que delimitam o que é ou não produção artística em Mato Grosso do Sul. Da situação hoje (im)posta por esses discursos locais, passa no crivo dessas leituras hegemônicas, as obras que dialogam exclusivamente com bois, animais silvestres, índios e imagens exóticas da fauna e flora locais.

Esses discursos, portanto, priorizam uma ideia de arte que ora está assentada nesses quesitos políticos, econômicos e naturais, ora estão ancorados por discursos que promovem o que é da ordem do regional ou não. Dessa ótica, alguns grupos artísticos de Mato Grosso do Sul – para o bem e para o mal – acabam por inscreverem-se como artistas regionalistas ou outros não constam das histórias locais porque não contemplam os contextos globais almejados pelos discursos hegemônicos.

## 2 - POÉTICA DAS MINORIAS

Quando entrei em contato com os membros do TGR (por volta do ano de 2012), percebi que havia algo muito maior que lhes movia como artistas da cena, algo que os mantinham como um grupo unido: na minha ignorância artística e intelectual não compreendi o que acontecia previamente, o que tornava o Coletivo Teatral Grupo de Risco tão forte e visivelmente um grupo uníssono e unívoco em seus ideais. Uma unidade interpretativa do contexto sociocultural do Grupo que passei a entender como linguagem poética, perceber como este Grupo pensa o seu fazer artístico, o seu olhar sobre as coisas do mundo.

Nesse tocante, ao falarmos das produções do Teatral Grupo de Risco não há como não falar também do Mato Grosso do Sul; ao falarmos de Teatral Grupo de Risco não dissociamos sua poética da “paisagem” construída que retrata intimamente esse local periférico para o mundo. O seu falar poético desse lócus não é sobre uma visão comercial, paradisíaca e turística restrita em discursos de poder.

MS, na arte, ainda tem sua promoção sustentada (precariedade) no Poder Público: Municipais e Estadual, normalmente, mas em alguns raros casos alguns artistas conseguem apoio Federal. Este ponto é fator importante para situar as práticas artísticas locais no que tange às representações e visualidades que essas exprimem. Sabe-se desde muito tempo (do clássico ao moderno) que obras avalizadas por poder instituído privilegiam imagens institucionais nelas. E neste caso, artistas locais tomam nas produções de um discurso identitário que circunscreve obras/sujeitos nas mesmas ideias de identidades do passado: estável e de representação de muitos por um. (BESSA-OLIVEIRA, 2017, p. 2).

Ao falar em poética, as primeiras associações que nos vem à cabeça são textos literários poéticos, poesias, versos, associamos primeiramente a forma escrita. O dicionário nos diz que poética é a “disciplina que se ocupa, com fins normativos ou não, do estudo da poesia e dos seus gêneros; conjunto dos princípios estéticos, explícitos ou implícitos, que orientam a atividade de um escritor, de um artista ou de um movimento literário ou artístico” (Dicionário Infopédia de Língua Portuguesa, 2017, s/p).

Observemos, pois, que a poética está atrelada a escrita e, por assim dizer, intrínseco a um período histórico, mas aqui não pretendemos tratar da poética literária, então fazemos uma subversão. Quando tratamos de linguagem poética do TGR, referimo-nos primordialmente aos recursos expressivos existentes na prática,

no fazer artístico, na construção desse fazer como *módus* de construção em arte, tratamos de algo que venha para transpassar a forma escrita e se inscreve em cada ato do corpo do Grupo, a poética transborda e se apresenta no plano visível e sensório. E não deixando de lado a época, o Grupo em questão se inscreve num período histórico de quase 30 anos e em sua arte há mais história sobre o Estado do que nos livros.

Mas fazemos uma ponte com a linguagem poética presente no TGR, que entrelaça no seu fazer artístico poesia, história, particularidades, subalternidades, localidades, juntando tudo isso num trabalho crítico, político, amargo, podemos dizer que é exatamente o trato do particular que circunscreve histórias locais em narrativas universais – ou seja, o particular não está na ordem da divergência, mas na diferença que marca a universalidade de diferenças nos particulares.

Que a poesia, arte da poética permaneça no universal, para que não seja apenas lida, mas sentida, vista e ouvida. Que não limitem a poética a uma única área do saber, deixem-na livre para percorrer os sentidos do corpo, que ela se encontre no pensamento crítico e na total ausência de raciocínio, que transite pela escrita, dança, música, teatro, pelas artes visuais e por onde for sentida e apreciada como tal.

Aqui me valho dela para explicitar o trabalho de um grupo teatral, onde nele enxergo poesia nos seus princípios, na garra de sua existência e resistência, no aroma crítico de suas produções, no arrancar risos e deixar reflexões em seu lugar. O risco presente em sua ideologia e produções, de um ponto em que a arte vem como consequência dos seus projetos, ideologias e lutas. Nesse sentido, fica evidente que mesmo o conceito de poética para a contemporaneidade tem emergência de ser revisto. Uma vez que poetizar e processos são operações que caminham de mãos dadas nas práticas artísticas da contemporaneidade.

Por fim, o que talvez defina a linguagem e construção poética do TGR é o lugar em que ele se inscreve no seu fazer artístico, e aceitando seus riscos este é o *lócus* que escolheu ocupar. É parte de sua construção poética a cultura local, e para um melhor entendimento deste conceito ancore-me uma vez mais em Nolasco que vem (re)significando esse lugar da fronteira nominado Mato Grosso do Sul.

Na verdade, entendemos que o crítico uruguaio é quem melhor conceitua hoje o que denominamos de local nos debates contemporâneos. Depois de dizer que o sujeito social pensa a partir de sua “história local”, Achugar reitera que esta “tem a ver com interesses locais concretos, os quais não têm valor universal, e ambos não podem ser propostos como válidos para toda a América Latina [...]”. O crítico uruguaio acaba reivindicando um lugar específico para se pensar toda a América latina. Ao se referir a um “lugar”, o autor diz não estar propondo que se possa falar só a partir de ‘dentro’: “a presente reflexão está longe da intenção de estabelecer um ‘fundamentalismo regionalista’ que impeça todo conhecimento que não surja da América Latina. Por ‘lugar’, refiro-me a uma localização geocultural que não está limitada àqueles que vivem fisicamente na América; ou seja, refiro-me a uma posicionalidade geocultural” (NOLASCO, 2011, p. 115, 116).

Sua poética consiste numa busca dos interesses, causas, histórias locais, nas particularidades que ultrapassam uma olhadela superficial das paisagens. Sua poética se encontra em trazer para o seu grupo, membros e corpos a história local e ir sempre mais a fundo em suas minorias e origens, sem querer florir tudo e colocar belas paisagens onde não cabem. Sua beleza de construção cênica talvez consista em não querer tornar belo ou florido aquilo que, por natureza, é amargo e assim deve ser digerido.

A meu ver a poética deste Coletivo se encontra em não mascarrar as origens periféricas e subalternas, o não aceitar padrões, não seguir por caminhos pré-estabelecidos, o não se limitar a suposta soberania de cânones. Mas sim em galgar por caminhos onde não exista conforto, olhar para onde seria muito mais fácil fechar os olhos.

A diferença biográfica a que me referi se completa quando, à minha revelia, compreendo que a frase me é tão ancestralmente pessoal quanto estranha (familiar). Aqui o estranho é o familiar. Na poesia, na escritura, na literatura, na cultura, na história, o biográfico existe para marcar a diferença ancestral do sujeito, que varia de sujeito para sujeito, de lugar para lugar, de cultura para cultura. Daí se entenda que quando eu falo de minha escrita, como o faço agora, é tão-somente para registrar que eu falo, penso e existo a partir de um lugar (NOLASCO, 2010, p.94).

### **3 - GUARDIÕES**

Por volta de 2000/2001 já se conversava, no Grupo, sobre fazer uma pesquisa histórica do Estado que tivesse relação com a identidade cultural (que sempre foi uma ideologia do Grupo). Era também um dos desejos fazer um trabalho que tivesse uma sequência. Foi então que surgiu a trilogia que vai tratar desde a

formação/separação do Estado, à exploração indígena e do povo paraguaio, até chegar ao miolo do Estado que é o Pantanal.

O primeiro trabalho da trilogia se chama *MBUREO A Saga dos Ervais*, que, como dito anteriormente, vem a tratar da divisão do Estado que é intrínseca a exploração da erva mate e a exploração do trabalhador. A partir da erva mate surgiu todo o desenvolvimento de toda a fronteira.

O primeiro trabalho levou ao segundo *Guaicuru – Histórias de Admirar*, que é sobre a história da exploração dos índios da etnia Guaicuru e do povo paraguaio na guerra do Paraguai. O terceiro e último, *Guardiões*, veio com a intenção de resgatar os mitos, as lendas, “quem são esses guardiões do Pantanal?”, “quem são as pessoas que vivem no Pantanal?”, “onde elas estão?”, “elas fazem o que?”, de que Pantanal se fala, o que se mostra deste e o que tirando o verniz turístico é realmente o Pantanal? São perguntas que norteiam o espetáculo!

Bessa-Oliveira em seu artigo “EM TEMPOS DE AGORAS (Agouro, Ágora, Agora), AINDA VIVEMOS NO PASSADO?” classifica as produções artísticas contemporâneas do século XXI em três pontos instigantes para entender as práticas artísticas locais em Mato Grosso do Sul, dentre estas classificações situo as produções do TGR no terceiro ponto em questão quando o autor diz que

[...] o “Agora: “Momento presente, época em que nos encontramos”” será tratado aqui exatamente como tal. Mas como agoras – vários tempos, memórias, histórias, por conseguinte sujeitos, espaços e narrativas – que corroboram a perguntatítulo: Em tempos de agoras (Agouro, Ágora, Agora), ainda vivemos no passado? Neste tempo que não é um topos da arte dos agoras, que (de)limita todas as outras questões aqui situadas, quero discutir as questões dos sujeitos-bios –, dos espaços-geos – e das narrativas-grafias – em que estão sustentadas as produções visuais da atualidade (BESSA-OLIVEIRA,2017, p. 2).

Situo o TGR na terceira classificação do autor, *Agora*, pois resumidamente após todas as considerações aqui expostas sobre o Grupo considero que suas produções transitam por vários tempos históricos, memórias, particularidades dos sujeitos, espaços e narrativas, características intrínsecas as suas produções. Mesmo que o artigo de Bessa-Oliveira trate das produções visuais, sua narrativa e considerações são facilmente aplicáveis a quaisquer outras produções artísticas da atualidade.

De uma forma talvez não ciente das implicações do termo (re)verificação da cultura local, o Grupo caminha e trabalha de forma condizente. Não há trabalhos do TGR que não contenham seu *locus* enunciativo, que não exponham a cultura local por uma visada outra que age na contramão do discurso identitário institucional.

Voltar-se criticamente para um lugar não é ater-se a um saber único; antes, um lugar produz saberes culturais que se movimentam, espiralizam-se para todos os lados, dentro e fora. O lugar por nós perseguido, desde o começo deste livro, não passa do lugar da tradução cultural por excelência, uma vez que ele já se originou na *diferença*. Dentro e fora de seu espaço-corpo, ele transporta, reconhece o outro que habita no mesmo, cria o diálogo da diferença, e se transconhece *enquanto lugar de si diferido*. Nesse lugar, pelo menos no tocante às trocas culturais internas, não há *s fora do lugar*, posto que aqui elas já nascem faltantes de um desejo de estarem sempre voltando para casa, um lugar para sempre desconstruído, que esbarra nas fronteiras e seus limiares. É por tudo isso que um lugar pode ser visto como uma cartografia de lugares, de culturas, de gentes e de tradições, *que se reinventam sem cessar* (NOLASCO, 2010, p.140).

A dramaturgia da peça *Guardiões* foi escrita por Lu Bigatão a partir dos estudos, pesquisas, depoimentos e documentários do Coletivo TGR sobre as regiões do Pantanal de Mato Grosso do Sul. As pesquisas e documentos que deram origem ao espetáculo delatavam a devastação, as consequências no ecossistema, as relações humanas de quem manda e sub-humanas quem é mandado, as relações socioculturais deste meio que é vendido por suas belezas naturais, suas paisagens e animais, onde a vida de um humano vale muito menos do que a de um boi.

Nascer, viver e crescer no Pantanal, da perspectiva que o espetáculo *Guardiões* apresenta ao público, é ter a vida ceifada ao preço do gado ali criado por “uma dezena” de fazendeiro que detém o poder local. Entre ribeirinhos, funcionários das fazendas e indígena, a relação de levar o boi da área alagada para as áreas secas faz evidenciar que o gado é muito mais valoroso que as vidas desses sujeitos vulneráveis a qualquer mau querer da “natureza” a eles (im)posta.

Campo Grande, capital do Estado, sob a perspectiva de uma olhadela superficial, talvez não se encaixe tanto nessa realidade outra de vidas em função da atividade agropecuária, no entanto não é preciso ir muito longe para perceber tal afirmação. Afinal, qual é a cidade interiorana do MS que não vive sob essa perspectiva? Onde as vidas dos moradores giram em torno da “bovinocultura”, não apenas daqueles que lidam com o trato diretamente. Se os negócios vão bem para

os fazendeiros, os negócios vão bem na cidade, a circulação de moeda dentro das cidades interioranas está diretamente ligada a todo o manuseio do gado.

*Guardiões* conta uma história local particular, essa história local particular fala da nossa subalternidade, do quanto sabemos que valemos menos que um boi, o quanto nosso povo é submisso e sabe bem baixar a cabeça para quem tem terras e gados. Gosta-se muito de dizer neste Estado que temos a melhor carne do Brasil, para o sul-mato-grossense que crítica seu próprio Estado por não ter cultura e acredita que a única coisa que nos define como cultura são os bois, reforçam isso cada vez mais e com veemência, pela ignorância de acreditar que este é o único traço cultural local que nos define.

O espetáculo apresenta uma realidade lúdica e poética do homem que vive no Pantanal, a relação simbiótica do homem com o território, com a terra, com a água, com os animais: existe uma relação do homem que oras age com civilidade, oras como besta fera. Seja no corpo, seja na construção cênica proposta pelos atores do Coletivo, o animal se presentifica na cena graças a construção poética que esses atores dão aos elementos do Pantanal, ora aos homens, ora aos bichos.

**Figura 1** - Foto do espetáculo *Guardiões* – Em cena: André Tristão, Fernanda Kunzler e Yago Garcia



**Fonte:**Facebook do TGR.

**Figura 2** - Foto do espetáculo Guardiões – Em cena: André Tristão e Yago Garcia



**Fonte:**Facebook do TGR.

**Figura 3** - Foto do espetáculo Guardiões – Em cena: Fernanda Kunzler



**Fonte:**Facebook do TGR.

**Figura 4 -** Foto do espetáculo Guardiões – Em cena: Fernanda Kunzler e Yago Garcia



**Fonte:**Facebook do TGR.

O cenário é neutro e limpo, traz projeções visuais que por vezes se confundem com os personagens e vice-versa, os personagens não são fixos e a história não é linear. A direção do espetáculo leva o nome de Roma Román embora o processo tenha sido colaborativo, em cena são três atores: André Tristão, Fernanda Kunzler e Yago Garcia; cenografia: Márcia Gomes; vídeo cenário: Maíra Espindola e Rafael Mareco; ilustrações: Rubén Dario RománAñez; iluminação: Anderson Lima.

#### **POR FIM: Sem clichê e sem verniz**

O que se enxerga claramente no Estado de Mato Grosso do Sul é a cultura artística a favor do turismo. A produção cultural do Estado existe em função do

turismo, como “objeto de enfeite” para agradar, entreter e vender para o turista. Como considera Nolasco nosso estado lembra um *corredor de passagens*, sendo assim um grande misto de culturas, lugar este que seus moradores, visitantes e turistas continuamente repetem o discurso de um lugar sem cultura. Visivelmente o poder estatal ainda impregnado por conceitos de regionalismo e não menos vulnerável a este discurso, continua a patrocinar artistas que retratam este Estado por belas paisagens, aves e animais exóticos, e não menos importante são “os bois”. Reforçando sempre serem estes nossos traços culturais.

Mesmo a capital de nosso Estado não passa de um lugar que ainda lembre um corredor de passagens, com a cancela sempre levantada. Estando-se nela, basta se perguntar para onde fica o Norte, ou o Sul, por exemplo, para que se escute a resposta: pegue a saída tal. Enfim, lugar de quem é, de quem passa e fica, e de quem não fica; lugar de migrantes, de passagens, e de pousos. Podemos dizer que há uma festa cultural antropológica na capital. Sua performance é tão sem limite que acaba tirando proveito dos signos pedagógicos impostos pelo Estado a cada canto das cidades, como se fossemos todos iguais. Os deslimites do Pantanal, das peles, das línguas, do povo, das gentes, refletem incontestavelmente as culturas que nos fazem ser sul-mato-grossenses. Só podemos falar de cultura no plural em nosso Estado. E isso por conta de sua própria condição de formação. Essa lição ainda está por ser escrita devidamente (NOLASCO, 2010, p.110).

Não estamos afirmando que o mesmo não se dá em outros lugares do Brasil. Mas, parece mais evidente onde os lugares estão tentando se consolidarem após alcançar maior idade no território nacional. Grupos de teatro e artistas afins de inúmeras áreas das artes dentro do Estado canonizam suas produções, se abstendo de todo o material histórico-cultural-local.

Como já ressaltou também Bessa-Oliveira (2012), alguns artistas aqui não produzem arte, cultura e conhecimento a partir do local, reproduzem arte, cultura e conhecimentos migrados de fora e não transculturam os mesmos para os que ocupam os confins das fronteiras. Outros artistas, ainda que produzam uma arte e cultura locais imbuem suas produções com um “verniz” canônico, com o intuito de que suas obras sejam reconhecidas como regionais. Obras feitas para expor, para serem belas, para serem vistas, reconhecidas e comparadas às grandes cânones de outros lugares.

No quesito da montagem e pesquisa da peça *Guardiões* observamos a nítida contramão do Pantanal turístico vendido pelo Estado; o “clichê pantanal” cheio de araras, jacarés, onças pintadas, belas paisagens, etc, acaba por cair por terra. Essas imagens quando dentro das pesquisas para a montagem do espetáculo, o

que se revela é um Pantanal em franca destruição. Tirando todos esses “penduricalhos” da propaganda turística, o que sobra é depredação e fumaça.

A peça *Guardiões* surgiu depois de muito trabalho de pesquisa do Grupo sobre o Pantanal, e durante estas pesquisas o que ficou muito latente foi a enorme devastação que este lugar natural tem sofrido – muitas vezes, graças ao avanço dos bois dos políticos que ocupam cada vez mais espaço na paisagem e valem mais que os humanos.

O Pantanal é cercado pelo imaginário popular de seres mitológicos, possíveis “guardiões”, mas a conclusão que os integrantes de Grupo chegaram, os verdadeiros guardiões são os homens e mulheres que cresceram e que vivem no Pantanal, ribeirinhos e indígenas que conhecem o solo, os tempos de seca e os de enchente, que tratam a (mãe)terra com gratidão. *Guardiões* é uma peça com inúmeros pontos críticos, que abre possibilidades para muitas reflexões e discussões críticas, é um espetáculo muito rico e provocador, e este é apenas um dos pontos de abordagem e reflexão sobre o Teatral Grupo de Risco – TGR.

Enfim, este artigo assume um lugar de explanação de uma minúscula e ainda breve parcela de conteúdo discutível sobre o que é e faz o TGR. Talvez um livro seria pouco para tratar dos inúmeros vieses, particularidades, produção, estudos, pesquisas e identidades deste Grupo. O olhar de apenas um pesquisador ainda é pouco e unívoco da sua realidade para a profundidade das produções de um coletivo de quase 30 anos. No entanto, me sobra gratidão do prazer que foi pesquisar e escrever sobre o TGR – Teatral Grupo de Risco – Um, entre muitos outros grupos até anônimos, que faz arte em Mato Grosso do Sul.

## REFERÊNCIAS

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. **Paragens, passagens e passeios: movimentos de geovisualizações** das artes visuais. São Carlos: Pedro & João, 2011.

\_\_\_\_\_. “**Três décadas de arte em Mato Grosso do Sul: balanços e desafios futuros**”. In: (BESSA-OLIVEIRA); TORCHI-CHACAROSQUI, Gicelma da Fonseca (Orgs.). **Misturas e diversidades: reflexões diversas sobre arte e cultura contemporâneas**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2012, p. 73-92.

\_\_\_\_\_. “EM TEMPOS DE AGORAS (Agouro, Ágora, Agora), AINDA VIVEMOS NO PASSADO?”. Comunicação Apresentada no **XII Ciclo de Investigações PPGAV** - Agouro, Ágora, Agora. Realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), vinculado ao Centro de Artes (CEART) da Universidade do

Estado de Santa Catarina (UDESC) - em Florianópolis, SC, de 11 a 13 de setembro de 2017, p. 1-10

**Dar voz aos invisíveis:** a principal inspiração do Coletivo Grupo de Risco. Disponível em <[www.fundacaodecultura.ms.gov.br/dar-voz-aos-invisiveis-a-principal-inspiracao-do-coletivo-grupo-de-risco/](http://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/dar-voz-aos-invisiveis-a-principal-inspiracao-do-coletivo-grupo-de-risco/)> Acesso em: 12 nov. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

NOLASCO, Edgar César. **babeLocal:** lugares das miúdas culturas. Campo Grande, MS: Life Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. **Crítica Fora do Eixo:** onde fica o resto do mundo? In: **Cadernos de Estudos Culturais:** Cultura Local, v. 3, n. 6, Campo Grande, MS: Ed. UFMS, jul./dez., 2011, p. 27 – 41.

POÉTICA. **Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico**. Porto: Porto Editora, 2003-2017. Disponível em <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/poetica>> Acesso em: 10 out. 2017.

**Teatral Grupo de Risco, Blog.** In: Quem somos?. Disponível em <<http://teatralgrupoderisco.blogspot.com.br/>> Acesso em: 3 set. 2016.

**Tgr Teatral De Risco, Teatral Grupo de Risco.** Disponível em <[www.facebook.com/teatral.grupoderisco](http://www.facebook.com/teatral.grupoderisco)> Acesso em 01 ago. 2017.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em Arte:** um paralelo entre arte e ciência. 4.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.